

DESENHO COMO PRÁTICA DE IMEDIAÇÃO

Camila Leichter

Resumo: A proposta campo-contra-campo surge como forma de articular o processo de trabalho em sua constante afetação: documentos circunstanciais que se conectam ao espaço de produção da experiência de desenhar a partir de um fazer-com. Ao demarcar um campo do desenho produzimos um contra-campo, forma relacional que funciona como memória do processo, dos objetos e das circunstâncias da vida que acompanham o ato de desenhar. O desenho vai se transformando em superfície de imediação, membrana de contato e proximidade entre o lugar e os corpos que atravessam a temporalidade da sua realização.

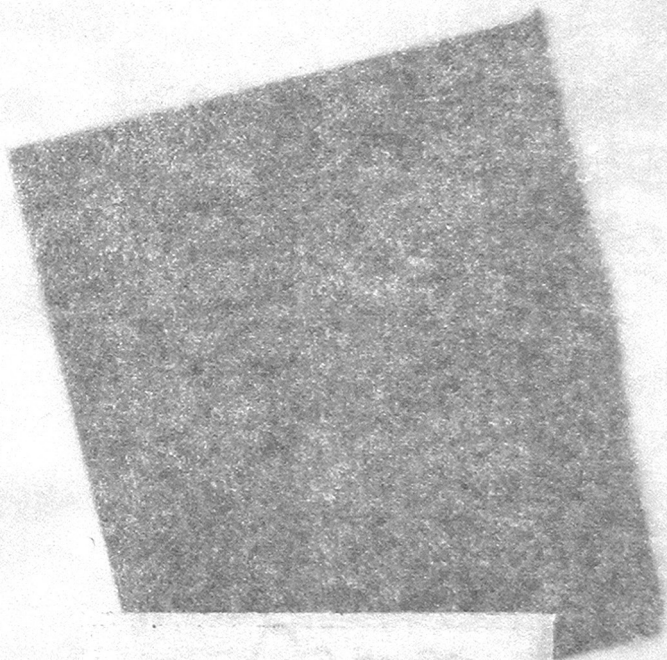
Palavras-chave: Campo-contra-campo. Processo de Trabalho. Desenho. Fazer-com. Imediação.

DRAWING AS A PRACTICE OF IMMEDIATION

Abstract: The field-counter-field proposal emerges as means to articulate the work process in its constant affectation: circumstantial documents that are connected to the production space of the experience of drawing based on the idea of making-with. By demarcating a field to draw in, a counterfield is produced, a relational form that functions as a memory of the process, of the objects and of the circumstances of life that accompany the act of drawing. The drawing becomes a surface of immediacy, a membrane of contact and proximity between the place and the bodies that traverse the temporality of its realisation.

Keywords: Field-counter-field. Work process. Drawing. Making-with. Immediation.

comologia



Campo

~~XXXXXXXXXXXX~~

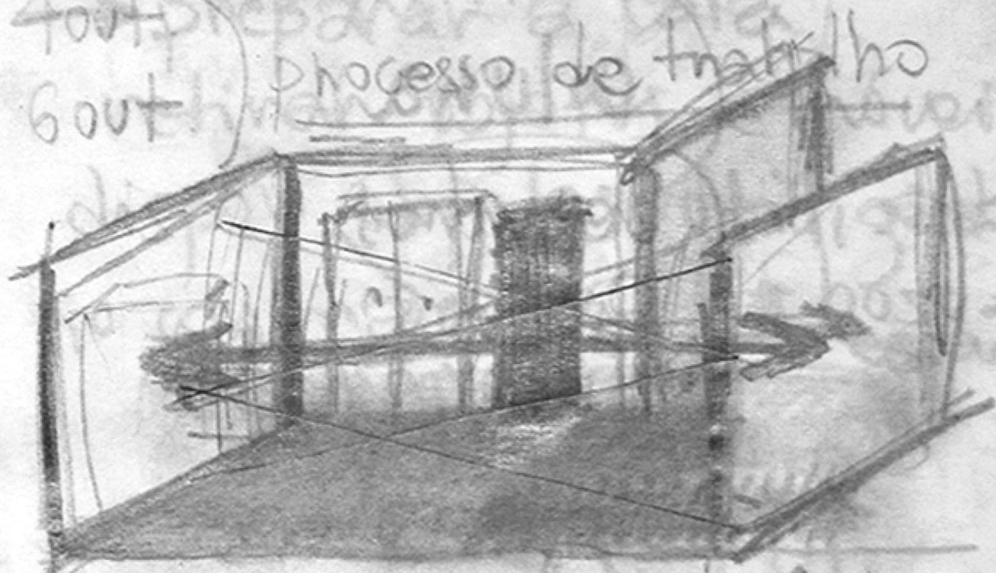
Campo

22-5-1960

a representação do arquiteto
uma realidade a transformação
→ materialização da
transformação do ação do
tempo

4out
6out

processo de trabalho



campo = contra = campo

projetar # imagem

dimensão instaurativa da



DESENHO COMO PRÁTICA DE IMEDIAÇÃO

Campo e contracampo são termos da produção audiovisual e designam um recurso de montagem utilizado na alternância de pontos de vista opostos para gerar a sensação de simultaneidade espacial. O contracampo se caracteriza como plano inverso, ângulo oposto e subsequente ao campo que, na relação campo-corte-contracampo, gera a continuidade da ação. Corresponde dizer que, para a manutenção da duração, o espaço precisa ser interrompido por um corte que estabelece as relações temporais no filme.

A primeira configuração da proposição campo e contracampo surge inspirada neste recurso de montagem, durante proposta de desenho para o estágio de docência do mestrado realizada entre setembro e outubro de 2016, no Atelier de Desenho do Instituto de Artes - UFRGS.

Uma forma de pensar que percebo, com assombro, presente em experiências anteriores, como as residências de desenho *processo ZERO* e *processo ZERO UM*, com Ali Khodr, e as imersões da BASE-film para realização dos filmes *BLANK Berlim* e *BLANK Damour*.

Assim, nesta proposta de deslocamento de termos, interessa articular uma ideia de *campo-contra-campo* por abordagens relativas ao processo de trabalho em sua constante afetação e não como pontos de vista opostos.

Considerar elementos menos visíveis ao campo da arte e da produção de imagem, envolve modos de existência, múltiplas experiências, perspectivas, fenômenos e transformações, acontecimentos instauradores, também o corte, a interrupção sugerem pausas reflexivas, recuos, suspensões de observação e silêncio, movimentos essenciais de vida e de pesquisa que operam descontinuidades, aquilo que chamamos de trabalho, quando um pensamento encontra sua forma, sua posição.

A lição de desenho *Elogio das sombras*, de William Kentridge começa com a abertura de um caderno de anotações. Seu gesto revela um pensamento por detrás da imagem, entre o que faz e o que pretende dizer. Como um tradutor de sobredeterminações, Kentridge propõe um diálogo a partir do seu inventário de imagens e procedimentos acumulados no atelier; segundo ele, um lugar para que o desconhecido provoque um caminho pelo fazer.

Página anterior, figura 1 e 2:

Campo e contracampo: estágio de docência, Atelier de Desenho, Instituto de Artes - UFRGS, Porto Alegre, 2016.

"Como todas as neuroses, a minha está enraizada no problema da metáfora, isto é, no problema da relação entre corpos e linguagem" (Haraway, 1995. p.13).

BASE-film surgiu em 2013 como estrutura de convívio e pesquisa orientada pela prática audiovisual, com os artistas visuais Ali Khodr e Mauro Espíndola.

BLANK Berlim

https://youtu.be/yJHhV4_OBqY

BLANK Damour

<https://youtu.be/S5TfjbbB1Ns>

"O que é ter um corpo?
O que é ter um território?
Em primeiro lugar, esse "ter" se dá em um sentido de que se é parte. Não se tem como propriedade, não se possui. Ser parte implica, então, reconhecer a "interdependência" que nos compõe, que possibilita a vida. [...] Essa referência à vida não é abstrata, mas vinculada aos espaços, aos tempos, aos corpos e às combinações concretas em que essa vida se desenvolve, se torna possível, digna, visível" (Gago, 2020, p. 81).





Figura 3 -7: *Campo e contracampo: processo ZERO*, com Ali Khodr. Desenho e vídeo. Exposição coletiva *Out of the Crowd*, Kultur Fabrik. Esch, Luxemburgo, 2011.

<https://youtu.be/JICPPHR9NI>

Um desenho de grande formato incorporando elementos arquitetônicos integrados por projeção, impressões do solo, mobiliários; e marcas provocadas pela ação do corpo durante duas semanas de residência no espaço da galeria.

O tempo é fator essencial, levando o desenho a tornar-se um espaço mnemônico de uma ação espacial.

O vídeo, compartilhado em um monitor localizado no chão, é um documento da natureza processual da experiência de trabalho.



"Essa convergência entre a linha como registro da ação de desenhar e como desenvolvimento do projeto é o que nos faz sugerir que o campo do desenho - seu território de ação - seja como um campo mnemônico, onde se pode perceber, na superfície do projeto concluído, os traços do início do trabalho, do lançamento das primeiras ideias, das mudanças de direção: uma espécie de olhar retroativo igual ao encontro que se dá no *entrelaçamento das linhas de força do desenho entre o começo e o fim*" (Gonçalves, 2001, p.16).







Figura. 8-12:

Campo e contracampo:
processo ZERO UM, com Ali
Khodr, desenho e vídeo. CCGP –
Centro Cultural Georges Pom-
pit-Up. Nancy - França, 2012.

<https://youtu.be/CBBYPXx2ddE>

“Em seu fundamento o desenho
sempre foi inscrição e projeção”
(Gonçalves, 2015, p. 6).



Residência de dez dias no
espaço cultural CCGP – Centro
Cultural Georges Pompit-Up.

O desejo era consolidar uma
posição por meio de uma
experiência que pudesse
ênfatizar reflexões sobre o
trabalho artístico (artistas e
espaços culturais) em relação à
comunidade periférica de Nancy
- França, onde o centro cultural
se situa, e vice-versa.



A partir de uma cartografia
do bairro Mon Désert - nome
que remonta, segundo um
dos moradores, a uma época
em que essa região não era
habitada - conversamos com as
pessoas que se encontravam
em seus ofícios. A ação foi se
re-configurando no espaço,
enquanto recuperávamos
caixas de papelão que estavam
destinadas ao entulho,
incorporando nossa prática de
desenho como trabalho
no contexto local.

"Simpoiese é uma palavra simples, que significa *fazer-com*. Nada se faz por si só; nada é realmente autopoietico ou auto-organizado. [...] Simpoiese é uma palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos. Ela descreve a mundificação conjunta, em companhia" (Haraway, 2023, p. 111).

"No entanto uma outra classe de documentos está intimamente relacionada a esse contexto de produção: o espaço do atelier, os objetos de uso, ou não, que formam o entorno da ação do trabalho. Esses documentos são circunstanciais e entram no imaginário, às vezes, de forma sutil" (Gonçalves, 2009, p. 8).

"Poderia a página, como o chão, tornar-se uma zona de habitação – uma zona na qual se fundam a experiência e a imaginação?" (Ingold, 2019, p. 66).

"Sempre acontece no meio. Nós sempre acontecemos no meio. Não primeiro um pensamento, então uma ação, em seguida, um resultado, mas um estar-no-meio, 'nós' o resultado de uma atração que capta, por um instante, como o pensamento já era como uma ação, como o corpo sempre foi também um mundo" (Manning, 2019, p. 9).

Anotações, textos, memórias, objetos e outras corporalidades, elementos disparadores que, retirados do seu estado habitual, agem e produzem rastros, acasos, relações e compõem uma perspectiva subjetiva e implicada sobre o mundo a partir do fazer, um *fazer-com*.

O desenho, pensamento-imagem entre o fazer e o que se pretende articular como membrana e temporalidade entre-mundos, encontra sua materialidade na relação entre o objeto, sua realidade, sua representação e sua sombra (Kentrige, 2014).

Um fazer impregnado por diferentes temporalidades, mnemônicas, fenomênicas ou sonhadas, documentos do processo de trabalho que se conectam ao espaço de produção simbólica da experiência de desenhar. Documentos de trabalho circunstanciais que configuram uma categoria de documentos conectada ao espaço de trabalho (Gonçalves, 2015).

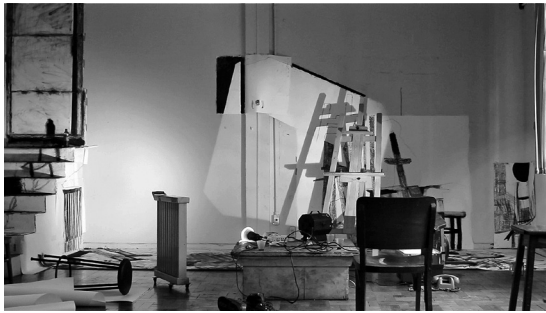
É neste lugar-desenho, estado-desenho, que nos posicionamos entre o campo e o contracampo do processo de construção de uma imagem. Um modo de ver específico, um ponto de vista e de vida.

No ensaio *Texturas de superfície: o solo e a página*, Tim Ingold fala dos significados transmitidos pelas superfícies como uma escritura "sobre, com ou através da Terra, impulsionada por forças análogas àquelas que movem seus habitantes vivos" (Ingold, 2019, p. 66).

Começamos pelo chão para experimentar habitar o desenho como habitamos (com o corpo) a Terra.

Ao demarcar um campo corpóreo e mnemônico do desenho, um território horizontal de ação e atração, produzimos um *contra-campo*, forma espacial e relacional que funciona como memória do processo, como lugar habitual dos objetos e das circunstâncias da vida que acompanham o momento do ato de desenhar e que vão sendo incorporados ao desenho.

O desenho vai se transformando em superfície de imediação, membrana de contato e proximidade entre uma realidade física do lugar e dos corpos, orientados pelo gesto que inscreve, em relação direta, tátil, com a materialidade do espaço e dos objetos habituais, de uso, ao percorrer as sombras projetadas no plano e a incidência da luz que atravessa a temporalidade da sua realização.



Página anterior, figura 13-22:
*Desenho como prática de
imedição, documentação
do processo de desenho em
vídeo, estágio de docência com
a Turma 2016/2 do Atelier de
Desenho I - Instituto de Artes -
UFRGS.*
<https://youtu.be/6zF-d7uflbw>

Figura 23-25:
experimentos com fuligem.

Produção de giz pastel:

- três partes de giz branco
triturado e peneirado
- sete partes de pigmento (terra
argilosa e argilas, pó xadrez,
fuligem...)
- água
- peneira
- espátula, cartão de banco
- base de vidro, azulejo, pia da
cozinha

Modo de fazer:

Misturar de forma homogênea o
pó de giz e o pigmento preto;

Adicionar água em quantidade
mínima e misturar até formar
uma pasta firme e pouco úmida;

Colocar sobre um papel mata-
borrão ou equivalente porção
suficiente para uma unidade de
cada vez;

Enrolar em bastões de tamanho e
espessura que melhor se adaptar
ao uso;

Deixar secar na sombra por pelo
menos 24hs sobre o papel mata-
borrão ou papel jornal.

Fonte: *Oficina de materiais e seus
processos constitutivos* (Atelier
de Desenho - Instituto de Artes -
UFRGS - Prof. Flávio Gonçalves).

Página posterior, figura 26:
*Desenho como prática de
imedição*

Antecedida pela produção artesanal dos materiais
de inscrição (pastel seco, pastel oleoso e bastão de grafite),
esta proposta imersiva de desenho coletivo provoca uma
experiência de contato, instaurando um campo de ação e
reflexão entre inscrições, apagamentos e rastros a partir
da fisicalidade do espaço.



Desenho como prática de imediação, um *fazer-com* o corpo, com o lugar, desenhar com o tempo, com o outro, com o mundo.

Como um entrelaçamento, esse processo deu forma ao objeto de estudo da pesquisa de doutorado, *campo-contra-campo da experiência*, realizada entre um modo de operar do desenho e uma práxis audiovisual imersiva, performativa e colaborativa (Leichter, 2022).

Cabe atentar para a passagem do tempo, a temporalidade do desenho, os objetos de convívio, trânsito, interrupções, acidentes e as formas de inscrição. Marcar, friccionar texturas, contornar objetos, sombras, projetar prolongamentos, deformações, fissuras, apagamentos, ausências, sobreposições. Situar/posicionar o corpo no espaço do desenho, desenhar com o corpo, com o outro, com sua sombra. Buscar estabelecer uma relação tátil/sensorial e incorporar ao desenho outros corpos, objetos de uso comum presentes no espaço em que se está, demarcar sua presença.

Pensar na materialidade, na proximidade, na energia das escolhas que vem do processo de trabalho juntos. Observar e compartilhar com os outros o que estamos percebendo. Pensar as relacionalidades e corporalidades que abrem para outros modos de organização, de sociabilidade, que criam territórios existenciais, outros pontos de vista.

Fazer, pensar. Fazer-com.

pesquisa de doutorado *Campo-contra-campo da experiência*. PPGAV, Instituto de Artes - UFRGS. Porto Alegre, 2022.

<http://hdl.handle.net/10183/257293>

"À revelia das novas formas de gestão biopolítica da vida em escala planetária, que tendem galopantemente à homogeneização, vêm à tona por toda parte modos de existência singulares, humanos e não humanos. Que tipo de existência se lhes pode atribuir, a esses seres que povoam nosso cosmos, agentes, actantes, sujeitos lavrares, entidades com suas maneiras próprias de se transformarem e de nos transformarem? [...] Para que um ser, coisa, pessoa ou obra conquiste existência – e não apenas exista -, é preciso que ela seja instaurada." Um processo de "garantir-lhe uma realidade" por si mesmos (Pelbárt, 2013, p. 392).



REFERÊNCIAS

GAGO, Verônica. **A potência feminista**, ou o desejo de transformar tudo. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020.

GONÇALVES, Flávio. O desenho e a infância das imagens. **Projeto**: Revista de educação, v. 3, nº 5, jun./dez. de 2001. Porto Alegre: Projeto, 2001.

GONÇALVES, Flávio. Um argumento frágil. **Porto Arte**: revista de artes visuais, vol.16, n. 27, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/18193/10705>. Acesso em: 28 jul. 2024.

GONÇALVES, Flávio. Um desenho que se ensina. **XI Seminário do Programa de Pós-graduação em Desenho**, Cultura e Interatividade. UEFS, Feira de Santana, BA, Brasil, 2015 [não publicado].

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução: Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 17 ago. 2024.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

INGOLD, Tim. Texturas de superfície: o solo e a página. Tradução: Davina Marques. **Conexões**: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e... Campinas: ALB/ClimaCom, 2019. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/conexoes/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

KENTRIDGE, William. Elogio das sombras (In praise of shadows). **Seis lições de desenho** (Six drawings lessons). Instituto Moreira Salles, 2014. DVD (63'), NTSC, cor.

LEICHTER, Camila. **Campo-contra-campo da experiência**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 226 p., 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/257293>. Acesso em: 19 ago. 2024.



MANNING, Erin. Em direção a uma política da imediação. Tradução: Sebastian Wiedemann. **Conexões**: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e... Campinas: ALB/ClimaCom, 2019. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/conexoes/>. Acesso em: 17 ago. 2024.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013.

Camila Leichter é artista pesquisadora, doutora em Poéticas Visuais – UFRGS com a pesquisa *campo-contra-campo da experiência* situada no Moinho da Capivara, Lindolfo Collor – RS, que acontece pelo pensar e fazer-com o corpo e o lugar, entrelaçando proposições audiovisuais e gráficas à vivência do lugar, processo permeado pela relação entre terra e memória, envolvendo práticas artísticas, rurais, comunitárias e ambientais, de interdependência e de um espaço de cuidado e coexistência. Atua na Moinho Edições Limitadas, corpo editorial inspirado na especificidade de habitar e ser habitada pelo lugar, e no projeto de educação ambiental do município.

E-mail: corpolugar@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8109-1244>

Contra Bando



Contra Bando